

# Entre Pautas, Papeis e Fragmentos: As Bandas de Música a partir dos Acervos Documentais de Formiga (Minas Gerais)

Vinícius Eufrásio\*

## Introdução

O levantamento documental que vem sendo realizado na cidade de Formiga/MG nos últimos anos tem possibilitado a realização de estudos sobre os variados tipos de práticas que estão representadas em acervos de instituições do município (EUFRÁSIO, 2018; 2019; EUFRÁSIO; ROCHA, 2017; 2019; 2021). Alguns destes repositórios são compostos por documentos oriundos das atividades promovidas por corporações musicais que fizeram parte do cenário cultural da cidade ao longo de sua formação.

Formiga, enquanto arraial e vila, teve seu povoamento a partir de uma paragem de tropeiros instalada nas proximidades de um rio que lhe é homônimo durante a segunda metade do século XVIII e teve sua municipalidade reconhecida em 1858. Devido especialmente a sua localização geográfica, a cidade teve um rápido crescimento populacional e se configurou como um polo pelo qual as pessoas transitavam, tal conjuntura, serviu como um plano de fundo que fomentava uma atividade cultural proporcionalmente intensa, vindo a ser considerada como uma das cidades mais desenvolvidas do estado nas primeiras décadas do século XX.

Neste sentido, o presente estudo apresenta uma narrativa sobre as práticas musicais de bandas de música cuja história ficou lastreada em documentos que foram acessados nos acervos produzidos a partir de seu próprio funcionamento e em acervos de outras instituições existentes no município. Mais especificamente, para a realização deste trabalho, foram consultados os documentos provenientes das atividades da Corporação Musical São Vicente Férrer, atualmente acomodados no Núcleo de Acervos da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), mas que passaram por um levantamento inicial realizado a partir da pesquisa “Música na Princesa D’Oeste Mineiro: uma cartografia das práticas, formações e espaços

---

\* Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Realiza pesquisa relacionadas à música, cultura e educação. Está vinculado ao NEMUB – Núcleo de Estudos em Música Brasileira, ao CEAMM – Centro de Estudos dos Acervos Musicais Mineiros e ao PATRIMUS – Grupo de Pesquisa Patrimônio Musical no Brasil.

E-mail: vni\_mus@hotmail.com

educativos em Formiga” desenvolvida pelo autor no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Também foram consultados o acervo da Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus, atualmente acomodado na sede da Secretaria Municipal de Cultura de Formiga (SECULT); o acervo documental de Claudinê Silvio dos Santos, também acomodado na referida secretaria; e o acervo virtual Formiga, Fatos, Fotos & Filmes, criado e disponibilizado na rede social Facebook.

Este último acervo, de forma distinta dos demais, é frequentemente guarnecido por formiguenses interessados na história local que, além de fornecerem documentos, sobretudo de cunho iconográfico, interagem uns com os outros no âmbito de uma comunidade virtual, criando ali registros de memórias pertinentes à vida social e cultural no município. Podemos considerar que a memória cultural é uma forma de memória sobretudo coletiva, no sentido que é compartilhada por um conjunto de pessoas e que permite a esse grupo de indivíduos partilhas comuns, relacionadas especialmente a uma identidade que pode ser observada em âmbito coletivo, isto é, em sua produção e reprodução de cultura (ASSMANN, 2008).

O conjunto dos documentos levantados nestes acervos e os diversos processos de análises realizadas sobre as diferentes tipologias encontradas vem permitindo compreender que diversas bandas existiram no município ao longo de sua formação comunitária, contudo, devido ao perecimento ou extravio de sua documentação, caíram na brecha geracional existente entre a memória e o esquecimento e surgem em pouquíssimas referências como, por exemplo, relatos de memorialistas, ou nos testemunhos dados por antigos músicos que atuaram no município, ou por meio da fala de familiares, filhos e netos destes musicistas de outrora.

A escassez de indícios, bem como testemunhos e documentação, que dizem respeito a comportamentos e atitudes relacionadas à cultura popular no passado representam um obstáculo com o qual a pesquisa histórica se depara (GINZBURG, 2006). Contudo, os fragmentos encontrados nos referidos acervos possibilitam a reconstrução das histórias de ao menos duas bandas que atuaram no município de Formiga ao longo do século XX, sendo estas: a) Corporação Musical São Vicente Férrer; b) Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus. Assim, recorrendo às fontes encontradas, foi possível identificar parte das trajetórias destes grupos, das pessoas que os integraram, e informações sobre os espaços em que ocorriam suas práticas, bem como algumas das situações sociais em que se envolveram. Neste sentido, vem sendo possível documentar, por meio de pesquisas em torno deste contingente documental, aspectos da cultura e da musicalidade formiguense.

## Corporação Musical São Vicente Férrer

Dentre as instituições musicais de Formiga, a Corporação Musical São Vicente Férrer foi o grupo mais antigo cuja documentação pôde ser acessada e isso inclui uma série de registros iconográficos, hemerográficos, musicográficos, dentre vários outros que estão disponíveis no acervo originado pelas atividades da própria banda, que esteve sob a tutela dos maestros que nela atuaram ao longo dos anos, bem como em outros acervos identificado em formiga. O conjunto musical teve sua fundação no ano de 1908 por meio da junção de operários que trabalhavam na construção da Estrada de Ferro Oeste e, na realidade histórica das práticas musicais formiguenses, destaca-se como o grupo instrumental com maior tempo de atividade ininterrupta, aproximadamente um século.

Figura 3: Corporação Musical São Vicente Férrer em 1924



Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

A história da Corporação Musical São Vicente Férrer (Figura 1) teve início com Pedro Severiano de Deus, popularmente conhecido como Pedro Músico<sup>1</sup>. Foi pedreiro e operário por profissão, atuando como primeiro presidente e maestro da corporação que fundou a partir do apoio do então prefeito José Bernardes de Faria, do juiz de direito Dr. José Maria de Moura Leite e dos religiosos Padre João da Matta da Silva Rodarte e

---

<sup>1</sup> Há informações que mencionam Pedro Severiano de Deus como um dos fundadores do Centro Operário Formiguense em 1925. Em alguns documentos seu nome também aparece grafado como Pedro Música e como Pedro Severino. No acervo também há manuscritos musicográficos assinados por Pedro em 1922.

Monsenhor João Ivo Rodarte<sup>2</sup>, seu primeiro professor de música e com quem aprendeu a tocar baixo.

Um documento iconográfico, datando de 1936 (Figura 2), destaca-se por ser a fotografia mais antiga em que foi possível identificar e nomear alguns dos integrantes das primeiras formações da banda, sendo que o segundo sentado da direita para esquerda, portando uma requinta, foi identificado como Tunico Frade<sup>3</sup>. No centro da imagem, sendo o quinto músico sentado da esquerda para a direita, foi identificada a presença de Luiz da Silva Dantas, popularmente conhecido como Zico Dantas, sendo reconhecido como um músico que surge repetidas vezes em muitos documentos iconográficos no contexto das práticas musicais formiguenses em bandas e em outras organizações musicais.

Segundo o extrato do estatuto da Corporação Musical São Vicente Férrer, produzido em 1944, Zico Dantas também ocupou a função de segundo regente. Dentre os músicos que estão de pé, na fileira mais baixa, também foi possível identificar Antenor Basílio com o bombardino, sendo o quarto da direita para esquerda (Figura 2).

Figura 4: Corporação Musical São Vicente Férrer em 1936



Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

<sup>2</sup> Aparentemente, também foi um dos incentivadores da devoção à Nossa Senhora do Rosário.

<sup>3</sup> Este músico foi identificado por sua neta, a pianista e professora Eliana Lima, por meio de um comentário na postagem desta fotografia no acervo do grupo Formiga, Fatos, Fotos & Filmes.

Nesta imagem de 1936 também foi possível identificar José Eduardo Júnior, portando seu trompete, sendo o quinto músico da esquerda para a direita<sup>4</sup> (Figura 2). O mesmo atuou como músico e maestro na corporação por muitos anos, tendo atuado como regente da mesma ao longo de várias décadas, sendo identificado também em documentos imagéticos e videográficos produzidos ao longo da década de 1970 e nos primeiros anos da década de 1980 ainda como regente da banda (ver Figura 3, vestindo terno preto no centro da foto). Além de sua função como líder do grupo, José Eduardo Júnior também se destaca em meio à documentação musicográfica existente no acervo da banda devido à sua grande recorrência como copista, responsável pela produção de centenas de manuscritos que integram o repertório da Corporação Musical São Vicente Férrer. Também foi encontrada uma correspondência datando do ano de 1981 na qual José Eduardo não é citado como maestro da banda, mas sim Manoel Duque. Estes documentos presentes no acervo da banda indicam, portanto, que de José Eduardo Júnior passou a dividir a regência do grupo em algum momento entre 1975 e 1981. No livro de atas da Corporação Musical São Vicente Férrer, seu nome é registrado na função de 1º Maestro até o ano de 1986.

Figura 5: Corporação Musical São Vicente Férrer em 9 de abril de 1975



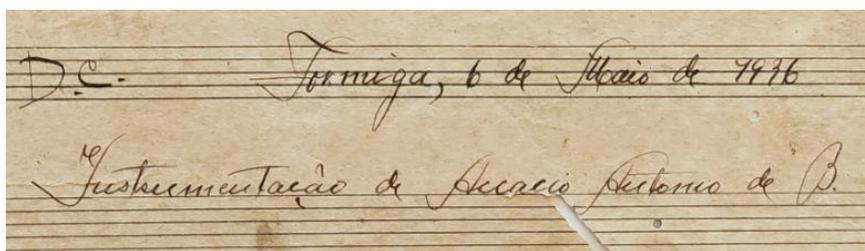
Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

---

<sup>4</sup> A identificação de Antenor Basílio e José Eduardo Júnior foi realizada por Jorge Zaidam.

Dentre vários outros copistas, é possível destacar os nomes de José Geraldo da Silva e Acácio Antônio de Barros, sendo que a este último estão atribuídas um expressivo número de cópias manuscritas, sobretudo indicando que o mesmo poderia ser autor de arranjos ou adaptações realizadas sobre peças específicas para inclusão no repertório da banda. Embora seja possível que ambos estejam representados em parte das imagens inseridas neste trabalho (Figuras 1 e 2), infelizmente, ainda não foi possível encontrar alguém que os pudesse identificar com precisão em documentos iconográficos produzidos há mais de oitenta anos atrás. Outro nome que surge com grande recorrência é Ildelfonso Inostroza Barrientos, músico chileno que viveu em Formiga e que também realizou composições e arranjos cujos manuscritos podem ser encontrados no acervo da banda.

Figura 6: Excerto indicando “Instrumentação de Acácio Antônio de Barros” em 1936



Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

Em uma publicação de cunho literário e memorialístico, foi possível encontrar a informação de que Acácio Antônio de Barros teria ocupado a função de maestro durante as décadas de 1930 e 1940 e que teria estado à frente da banda durante os anos da Segunda Guerra Mundial (NOLASCO; GABRIEL, 2021). O livro em questão apresenta uma narrativa sobre a história da banda, chama a atenção pela bela escrita e mesmo diante da ausência de referências específicas no corpo do texto, apresenta curiosidades interessantes sobre a história do município, da região e das práticas da cultura local.

Ainda no empenho de alçarmos a compreensão sobre as figuras que exerceram a regência no grupo, também foi encontrada uma reportagem indicando que “[...] o maestro José Eduardo Júnior assumiu a direção da banda após a morte do jovem maestro Acácio, em 1925 e foi responsável pela formação de todos os músicos que tocaram na banda São Vicente Férrer” (SANTOS, 2003b, p. 8). Contudo, no próprio acervo do conjunto, foi possível encontrar cópias musicográficas assinadas pelo músico até meados de 1940.

O que aparenta ser mais crível e coerente é o fato de que José Eduardo Júnior teria assumido a regência do grupo após o falecimento de Pedro de Deus e que isso ocorreu em algum momento entre os anos de 1920 e 1925. A análise documental e a grande quantidade de manuscritos produzidos tanto por José Eduardo quanto por Acácio de Barros na primeira metade do século XX evidenciam que ambos desempenharam um papel relevante nas atividades da banda, ocupando os postos de primeiro e segundo regente, uma vez que o estatuto do grupo demonstra a existência de margens para essa possibilidade.

A documentação sugere que partir da década de 1980 a Corporação Musical São Vicente Férrer passou a ser regida também por Manoel Duque (Figura 5), músico que já integrava a banda décadas antes como clarinetista e que ocupou a função de maestro até as últimas apresentações da banda entre o fim do século XX e primeiros anos do século XXI. Em meio aos documentos disponíveis nos acervos formiguenses consultados, foi possível atestar a atividade da banda até, pelo menos, o ano de 2003.

Figura 7: Corporação Musical São Vicente Férrer sob a regência de Manoel Duque em 1988



Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

Ao longo de quase cem anos de atividade, em sua trajetória, a Corporação Musical São Vicente Férrer se configurou como um espaço de formação musical e cultural

formiguense, sendo uma entidade presente em diversos momentos que compunham o contexto de práticas performáticas musicais no município, participando em eventos de variados tipos, interagindo com sua música entre espaços civis e religiosos que vão desde o aniversário da cidade às celebrações de Semana Santa da Igreja Católica.

Figura 6: Corporação Musical São Vicente Férrer, ao lado da Banda da Polícia Militar, no 130º aniversário de emancipação política do município de Formiga em 6 de junho de 1988



Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

A banda, seu acervo e os vestígios que seus documentos trazem vêm se mostrando frutíferos e capazes de revelar muitas facetas da história cultural de Formiga. A extensa documentação produzida durante as atividades do grupo, agora salvaguardada e disponível para realização de estudos<sup>5</sup>, representam um campo em aberto para a realização de futuras pesquisas que permitam alcançar uma maior compreensão sobre sua trajetória enquanto instituição e também sobre as vidas e carreiras daqueles que deram sentido e vida à sua existência. Embora este texto pontue alguns elementos de sua história, formação e atuação, ainda é possível muitos desdobramentos a partir desta temática, dentre os quais podemos vislumbrar brevemente alguns exemplos, como: realização de análises sobre seu repertório, estilos tocados, espaços de prática,

---

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre a incorporação do acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer pela Escola de Música da UEMG, consultar o trabalho “Música de Museu: repensando um acervo” (AZEVEDO, 2021).

compositores identificados no acervo, copistas mais e menos recorrentes, conexões com diversos outros acervos mineiros, dentre variadas outras possibilidades.

## Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus

De acordo com Claudinê Silvio dos Santos (2003b), o surgimento da Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus, popularmente conhecida como Banda da Chapada, ocorreu nos anos de 1970. O advento deste novo conjunto musical contou com o entusiasmo do Cônego Ivo Soares de Matos<sup>6</sup> e a realização de campanhas para a compra de instrumentos musicais lideradas por Chico Neto, Zé Arantes (que veio a ser o pratista da banda) e outros. Para direção musical do grupo, primeiramente trouxeram, da cidade de Candeias/MG, o maestro Belmiro, depois, de Itapecerica/MG, convocaram o maestro Benedito e, por fim, convidaram o maestro e compositor Rogério da Silva Neto, sargento que residia na cidade de Lavras/MG. Essa banda não ficou muitos anos em atividade e teve suas últimas apresentações regidas pelo clarinetista Onofre Messias, que também foi integrante da Corporação Musical São Vicente Férrer, e também pelo trombonista e funcionário do IBGE Paulo Paixão dos Santos (SANTOS, 2003b).

---

<sup>6</sup> O acervo encontra-se sob a tutela de Gibran M. Zorkot, agente cultural local, professor de música, maestro e arranjador de expressiva atuação em Formiga e região. Gibran foi aluno de Rogério da Silva Neto, iniciou seus estudos musicais na Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus e, ao longo de sua carreira, ocupou o cargo de diretor da Escola Municipal de Música Eunézimo Lima por quase suas décadas, formando inúmeros músicos na cidade.

Figura 8: Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus na década de 1970



Fonte: Acervo de Claudinê Silvio dos Santos.

A Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus, embora tenha tido menos de duas décadas de atividade, foi determinante para a formação de diversos músicos que continuaram a atuar no cenário musical formiguense. Muitos destes chegaram a ocupar lugar de destaque social e a atuar como multiplicadores, promovendo a realização de diversos outros contextos de práticas musicais.

Outra extraordinária figura que foi lapidada pelo maestro Sargento Rogério, foi este grande pistonista do conjunto Skank, o Paulo César Lopes filho do Quito dentista, e claro não poderia deixar de ressaltar a capacidade musical do atual diretor da Emmel Gibran Zorkot, um excelente músico e maestro, enfim, vários jovens iniciaram sua caminhada cultural, intelectual e profissional, naquela banda da Chapada. A vida da banda do Sagrado Coração de Jesus é grandiosa, participou de vários encontros de bandas na região, tocava em todas as festividades da paróquia e também da cidade, da qual eu tenho em meu acervo várias fitas cassete com boas páginas musicais (SANTOS, 2003a, s. p.).

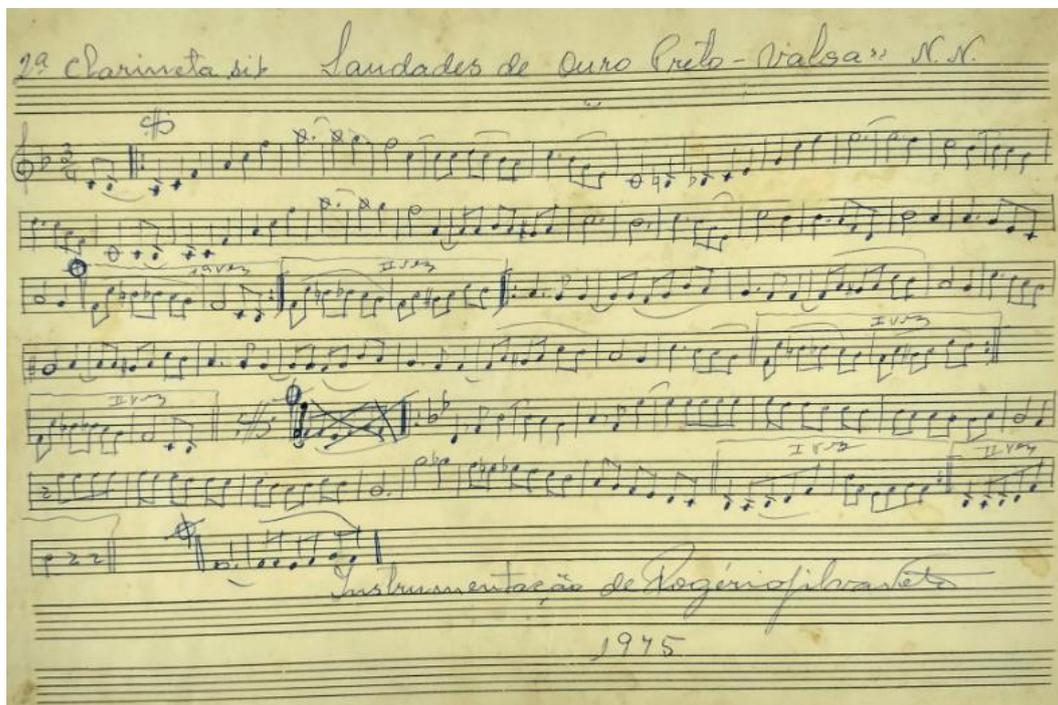
A banda de música pode ser considerada como um espaço social, um ambiente propício ao encontro de pessoas com interesses relacionados à prática musical e que se configura como um local de ensino e aprendizagem no âmbito da cidade, uma vez que as pessoas aprendem música com o maestro de forma individual ou coletiva

durante aulas, ensaios, viagens, participação em eventos e também nas mais variadas situações de convivência entre os membros do grupo (REZENDE, 2016).

Como a banda dependia de iniciativas populares para sua subvenção e não tinha mecanismos próprios que garantissem seu funcionamento, teve suas atividades interrompidas diante da ausência de figuras que pudessem atuar filantropicamente, em sua liderança e na gestão ativa de suas demandas. Seu fim ocorreu algum tempo após a morte de Zé Arantes que, além de tocar pratos no conjunto, era seu principal articulador, responsável por muitas das iniciativas e ações relacionadas à gestão da banda. Juntamente a ele, algumas pessoas identificadas como Zizinho, Chico Goião e dona Lucy, empenhavam-se na venda de carnês, rifas e realização de outras estratégias que serviam para a arrecadação de recursos que eram utilizados para o pagamento de despesas como, por exemplo, o salário do maestro e a manutenção dos instrumentos.

Durante a maior parte do seu tempo em atividade, a Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus foi regida por Rogério José da Silva Neto, militar reformado que servia como sargento no batalhão da cidade de Lavras/MG antes de atuar no conjunto formiguense. O acervo da banda revela a existência de dezenas de manuscritos musicográficos contendo sua assinatura e, embora grande parte delas possam ser cópias para o repertório da banda, algumas podem se tratar de arranjos ou até mesmo peças autorais. No acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer, por sua vez, existem manuscritos autógrafos que nos possibilitam atribuir cópia e autoria a Rogério da Silva Neto.

Figura 9: Excerto da parte avulsa para 2ª clarineta Sib da valsa “Saudades de Ouro Preto”, destacando a indicação “Instrumentação de Rogério Silva Neto”



Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Formiga.

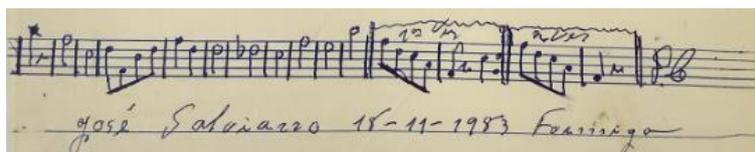
Algumas das fontes encontradas em meio à documentação do acervo da banda permitiram identificar que, diferentemente dos vários copistas identificados nos manuscritos do repertório, o maestro produzia arranjos, realizando possíveis adaptações para a realidade do grupo. Estes ajustes poderiam ocorrer em função do instrumental do conjunto ou devido à capacidade musical e ao nível de habilidade de seus integrantes, uma vez que, como apresentado anteriormente, a banda de música também funcionava como um espaço de formação de instrumentistas.

A análise sobre o acervo da Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus permitiu identificar que durante o funcionamento da banda existiram pessoas que desempenharam funções relacionadas ao arquivo do grupo, organizando seus documentos. Grande parte dos manuscritos que pertenceram à Banda da Chapada, mas não sua totalidade, apresentam em seu canto superior direito as iniciais do nome oficial do grupo, formando a sigla C.M.S.C.J, e o nome do músico para o qual a cópia daquela parte avulsa era destinada no momento dos ensaios e das performances. Possivelmente essa organização e distribuição de partes avulsas ficava a cargo do maestro ou de alguém que cumprisse o papel de arquivista ou organizador do repertório da banda.

Este procedimento de concentração do arquivo sob a responsabilidade de um dos seus integrantes, possivelmente facilitava a organização dos documentos musicográficos da banda e a preservação de seu conteúdo, pois uma vez que a cópia manuscrita era o meio mais utilizado para a reprodução e difusão do repertório por vias documentais, o extravio de um exemplar poderia ocasionar complicações durante um ensaio ou apresentação diante do público, acarretando problemas para a banda.

Na Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus, esta função de arquivista pode ter sido desempenhada por José Urias Salviano, pois este músico é o copista cujo nome aparece na maior parte dos manuscritos identificados em meio ao acervo. Foi possível encontrar várias cópias datando especialmente dos anos ao longo da década de 1970 e um número menos expressivo de cópias produzidas na década de 1980, sendo que, a cópia mais recente encontrada neste acervo foi datada no ano de 1983.

Figura 10: Excerto de parte avulsa copiada por José Urias Salviano em 18 de novembro de 1983



Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Cultura de Formiga.

Em meio ao acervo é possível encontrar cópias deste mesmo copista assinadas como José Urias Salviano, J. Salviano, José Salviano e também utilizando sua popular alcunha de Zé Leque. A associação entre os nomes só foi possível a partir da realização de entrevistas com antigos músicos formiguenses, pois no discurso local o copista era, na maior parte das vezes, referenciado por seu apelido de Zé Leque e pouco por seu nome. Deste modo, após a conexão destas nomenclaturas a um mesmo sujeito, foi possível perceber que a contribuição deste copista foi mais expressiva do que se percebeu em uma primeira análise desse acervo.

Figura 11: José Urias Salviano, conhecido como Zé Leque, em 1969



Fonte: Acervo da Corporação Musical São Vicente Férrer.

A pesquisa no acervo da Corporação Musical Sagrado Coração de Jesus ainda permite a identificação de músicos que atuaram na banda, o levantamento do repertório interpretado, de parte de sua história e das relações institucionais estabelecidas ao longo de seu funcionamento. Mesmo que seu acervo esteja sujeito à administração pública, suas deliberações e mudanças cíclicas, como resultado deste processo inicial de pesquisa em torno das práticas musicais formiguenses, foi possível obter a digitalização de todo seu conteúdo, garantindo não somente a preservação das informações existentes nos documentos, mas também uma grande parcela de suas características e da organização do seu conteúdo pertinente ao estudo das práticas musicais.

Os documentos digitalizados também têm o potencial de facilitar a partilha de dados e de fontes com outros pesquisadores, bem como sua difusão em ambientes culturais, acadêmicos e científicos, vindo a fomentar a possibilidade de práticas de pesquisas futuras em torno deste material que, inicialmente, encontrava-se em uma situação inviável para a realização de estudos musicológicos, mas que, a partir das intervenções realizadas, está apto para ser analisado mesmo que de forma digital. Vale ressaltar que, devido ao grande contingente documental existente, ainda são possíveis muitos recortes e análises a partir de perspectivas variadas em direção à produção de narrativas e interpretações das práticas musicais da Banda da Chapada ao longo da história formiguense.

## Considerações finais

Nos últimos anos, tem sido possível avançar em relação à compreensão das práticas musicais históricas no centro-oeste mineiro, mais especificamente na região

que envolve Formiga e o amplo território abarcado por essa cidade até meados do século XX. Entretanto, tendo em vista as dimensões temporais, geográficas e temáticas envolvidas no estudo da música local e as demandas advindas dos próprios acervos que, em um primeiro momento exigiram um grande expediente de trabalhos técnicos e uma maior atenção em relação às suas condições de acomodação do que propriamente em relação aos seus conteúdos<sup>7</sup>, podemos considerar que as pesquisas existentes até o momento compuseram uma base fundamental e que ainda possibilita um série de aprofundamentos e aplicações.

Possivelmente ainda existem documentos dispersos em outros acervos que ainda não foram abordados e, portanto, deve existir uma ampla documentação que se encontra inalcançada ou dispersa, especialmente, em arquivos de cunho pessoal detidos por familiares de seus antigos integrantes. Muitas pessoas estão arroteadas de arquivos pessoais que são compostos por gerações de documentos que guardam informações sobre suas famílias e suas comunidades e, mesmo tendo uma função quase terapêutica, esses núcleos documentais demarcam a passagem de seus ancestrais e entes queridos pela vida e auxiliam no reconhecimento de seu lugar no tempo, perante o mundo e a própria existência (COX, 2017).

Dentre os inúmeros desdobramentos de pesquisa possíveis a partir da história das bandas de música, fica claro que devemos compreendê-las como mais do que simples entidades de prática musical, mas também como espaços de intercâmbio cultural e educativo que envolve seus componentes e a sociedade com a qual se dá uma complexa gama de interações em âmbitos individuais e coletivos. Neste sentido, podemos concluir que a história das bandas de música, assim como as histórias que perpassam pelas bandas e suas pessoas, são componentes e também compõem a história da cidade e de sua gente em diferentes níveis de escalas<sup>8</sup> que, no âmbito na produção historiográfica, possibilitam uma série de interpretações do passado considerando as distintas maneiras possíveis de vê-lo e relacioná-lo.

## Referências

ASSMANN, J. Communicative and cultural memory. In: ERLI, A.; NÜNNING, A. (Ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin/New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

AZEVEDO. **Música de Museu: repensando um acervo**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2021.

---

<sup>7</sup> Ver o trabalho “Fontes para o estudo da música formiguense: salvaguarda, identidades e instituições a partir dos documentos acomodados na secretaria municipal de cultura” para melhor compreender a situação dos acervos formiguenses.

<sup>8</sup> É cabível aqui o conceito de jogos de escalas (REVEL, 1998a; 1998b).

COX, R. J. **Arquivos Pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

EUFRÁSIO, V. Música na Princesa D'Oeste de Minas Gerais: possibilidades de pesquisas musicológicas em fundos arquivísticos localizados em Formiga. XXVIII Congresso da ANPPOM. **Anais...** Manaus/AM: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2018.

EUFRÁSIO, V. Práticas musicais em Formiga/MG: um olhar para o século XIX. **Revista UBM**, Barra Mansa (RJ), v. 21, n. 29, p. 104-122, 2019.

EUFRÁSIO, V.; ROCHA, E. O Museu Histórico Municipal Francisco Fonseca: desafios e impactos do seu arquivo musical na construção da história da música formiguense. I Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes. **Anais...** São João Del Rei, 2017.

EUFRÁSIO, V.; ROCHA, E. Fontes para o estudo da música formiguense: salvaguarda, identidades e instituições a partir dos documentos acomodados na secretaria municipal de cultura. I Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes. **Anais...**São João Del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 2019.

EUFRÁSIO, V.; ROCHA, E. Memórias imagéticas de atividades musicais na cidade de Formiga/MG no século XX. **Estudos de Iconografia Musical na transversalidade**, Salvador, p. 109-148, 2021.

GINZBURG, C. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2006.

NOLASCO, G.; GABRIEL, J. **Formiga**: Toda História Tem Endereço. 1. ed. Belo Horizonte/MG: Bushido Produções, 2021.

REVEL, J. Apresentação. In: **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. 1. ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998a. p. 7-14.

REVEL, J. Microanálise e construção social. In: **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. 1. ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998b. p. 15-38.

REZENDE, M. S. **A banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo**: um espaço de relações e de ensino/aprendizagem musical (1985-2014). [s. l.]: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

SANTOS, C. S. Dos. Igreja da Chapada: uma história a ser contada (parte IV). **Jornal Nova Imprensa**, 2003a.

SANTOS, C. S. Dos. Corporação Musical São Vicente Férrer. **Jornal Nova Imprensa**, 26 set. 2003b.